



# Forte do Brum

No final do século XVI, a Capitania de Pernambuco, destacava-se pela sua atividade econômica, representando papel de grande importância para a colônia.

A indústria açucareira projetava-se neste cenário, além do algodão, o pau-brasil, produto nativo, que tinha uma grande aceitação no mercado europeu. Vilas e povoados multiplicavam-se. A prosperidade de Recife fez com que se tornasse alvo de cobiça dos países estrangeiros, como também dos piratas que singravam os mares.

A grande preocupação era a ameaça vinda do mar. Medidas de segurança, no porto de Recife, foram executadas. Uma bateria com sete canhões foi construída e era insuficiente para deter o invasor, o que veio a ser confirmado quando, em 1595, o pirata inglês, James Lancaster, atacou e ocupou Recife. A ocupação durou 34 dias e a cidade foi pilhada. Com a resistência em terra, causando um acentuado número de baixas, os piratas decidiram partir levando uma frota abarrotada com o produto do saque.

Conscientes da fragilidade do sistema de defesa da capitania, os colonizadores iniciaram a construção de dois fortes, com a finalidade de guarnecer o porto, como ainda de proteção contra ataques vindos do mar. Assim foram construídos os fortes São Jorge e São Francisco.

Com a crescente ameaça, fruto de informações que chegavam dos reis da Espanha e de Portugal, de que a Companhia das Índias Ocidentais da Holanda pretendia atacar a Capitania de Pernambuco, iniciou-se uma reformulação da linha de defesa.



Entrada da forte

Matias de Albuquerque chegou a Recife com esta missão, em 1629, uma vez que aumentava a possibilidade de uma invasão pelos holandeses.

Decidiu imediatamente pela construção de um forte, onde já havia a bateria com sete canhões, agora abandonada. A sua experiência militar, associada ao conhecimento do terreno, especialmente por já ter sido o governador da Capitania, facilitou a sua tarefa.

Visando garantir a estratégia defensiva, em área tão importante como a do porto de Recife, esta construção viria a reforçar os dois outros fortes já existentes.

Diogo Pais foi quem iniciou a sua construção e, por ser homem muito rico, também financiou a obra. O forte foi planejado com quatro baluartes e seria conhecido como Forte Diogo Pais. Infelizmente, não pode ver concluída a sua obra, uma vez que ocorreu a invasão holandesa em 28 de fevereiro de 1630. Ocuparam os invasores aquela posição e lá





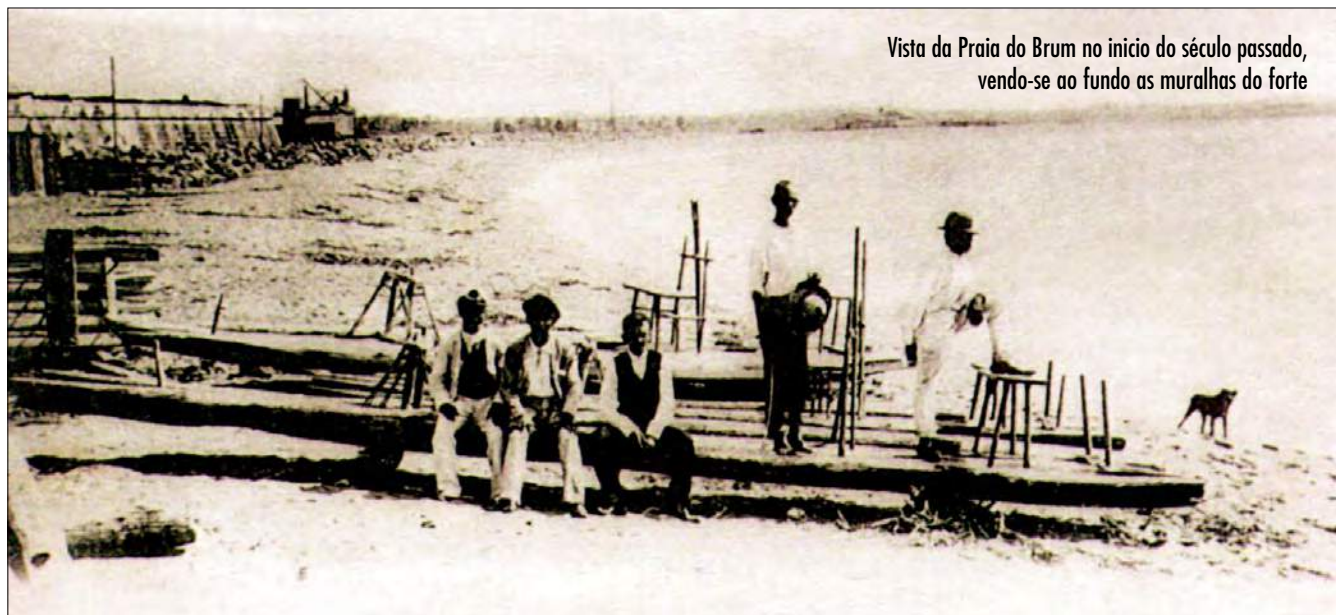
Vista parcial da parte superior,  
com os seus canhões coloniais em posição

instalaram uma bateria que serviu de base de fogos para bombardear o Forte São Francisco e o Forte São Jorge. A defesa sucumbiu e os holandeses conquistaram a linha de defesa do porto de Recife.

Reconhecendo a importância estratégica do local, os holandeses retomaram a construção da fortificação, aproveitando os alicerces do Forte

Diogo Pais. Este forte, que posteriormente seria conhecido pelos luso-brasileiros como Forte do Brum, deve seu nome ao chefe do Conselho Político Holandês, Johan de Bruyne.

As obras tiveram início imediatamente. Algumas dificuldades retardaram a sua conclusão. O período era de inverno, com muitas chuvas, os



Vista da Praia do Brum no início do século passado,  
vendo-se ao fundo as muralhas do forte

holandeses por sua vez não conheciam bem o terreno, como também era muito difícil obter o material de construção e mão-de-obra especializada. Além disso os luso-brasileiros inquietavam as posições inimigas realizando constantes incursões, destruindo as construções que vinham sendo edificadas.

A preparação da defesa prosseguia. Agora os holandeses iniciavam a construção de mais dois fortes, que ficaram conhecidos como “Forte do Buraco”, situado mais ao norte, e o outro, que foi construído nos Alagados de Santo Amaro das Salinas, Forte das Três Pontas. Estes três fortes garantiram a defesa da área, permitindo que os holandeses fixassem a sua posição em Recife.

Ao terminarem as obras, foram colocados no Forte do Brum dois canhões de vinte e quatro libras, um de dezoito, um de dezesseis, um de dez libras, além de duas bombardas.

A reação luso-brasileira continuava. Em 1654, após a derrota na segunda batalha de Guararapes, os holandeses retiraram-se de Recife.

Em 1667, o então Governador Bernardo de Miranda Henriques solicitou ao Rei, permissão para restaurar o Forte do Brum, reconhecendo o seu valor estratégico para a defesa da cidade. A reconstrução foi concluída em 1690, prosseguindo as obras complementares até 1715.



Através das grades da prisão, vê-se parte do pátio interno, com 300m<sup>2</sup> e ao fundo a capela

Foto: Ricardo Siqueira



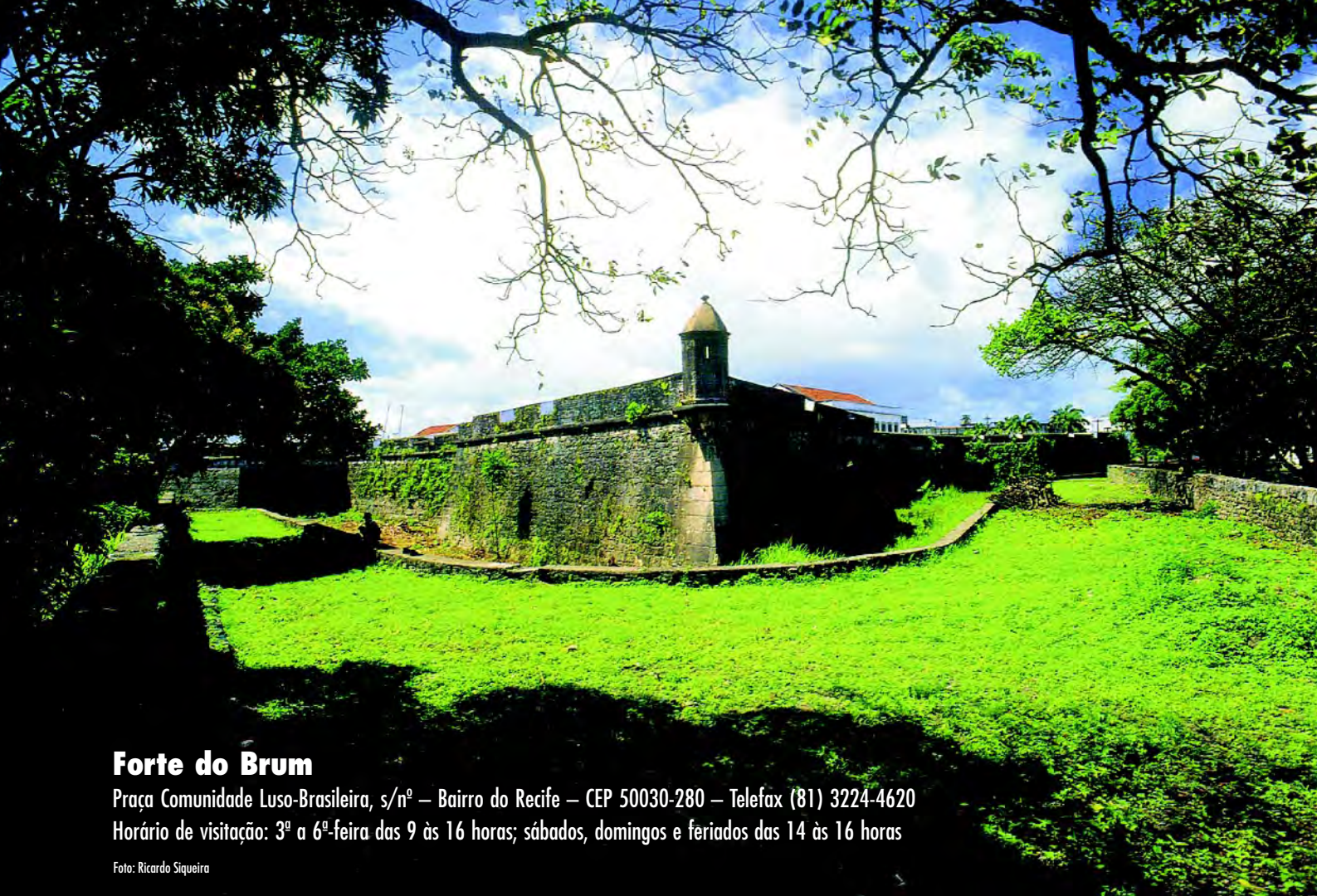
Um dos salões do forte sendo utilizado para exposição de artes plásticas



Visão noturna da entrada da fortaleza



O fosso que contorna o Forte era um obstáculo contra o invasor



## Forte do Brum

Praça Comunidade Luso-Brasileira, s/nº – Bairro do Recife – CEP 50030-280 – Telefax (81) 3224-4620

Horário de visitação: 3ª a 6ª-feira das 9 às 16 horas; sábados, domingos e feriados das 14 às 16 horas

Foto: Ricardo Siqueira

Passados os anos, a partir de 1987, foi transformado em Museu Militar, acolhendo até hoje em seu interior precioso acervo. Desde então, vem recebendo apoio de todos os segmentos culturais, nacionais e estrangeiros, transformando-se num atrativo para turistas, pesquisadores, arqueólogos, enfim, todos os que cultuam e buscam preservar a memória do país.

Atualmente, o Forte do Brum foi absorvido pela cidade, conseq ncia do desenvolvimento urbano de Recife. Abriga um restaurante com capacidade para 80 lugares, que funciona com maior movimento no horário de almoço. Na sua periferia, no chamado p lo Pilar, existe a fábrica de biscoitos Pilar e a sede da Prefeitura, que garante um fluxo de público considerável, independente de bancos e outras empresas. Ainda dispõe de uma capela,

que   alugada para casamentos e batizados. O pátio interno, com aproximadamente 300m<sup>2</sup>, e a esplanada são espaços destinados também para a realiza o de eventos sociais e culturais.

Ali, entretanto, estão as marcas deixadas pelos nossos antepassados que heroicamente lutaram pela reconquista daquele território, perpetuando a soberania nacional que havia sido maculada pelo invasor, fruto da instabilidade política da época.

Ao observarmos os baluartes, localizados nas extremidades do Forte, prestamos o nosso preito de gratidão, àqueles que diuturnamente permaneceram nas torres de vigia, nas muradas, observando, combatendo, acreditando em um país que estava desabrochando, conscientes de que faziam o melhor para cumprir a missão, na certeza de que um dia aquela cidade seria parte de uma grande na o.